

A CULTURA DOS MEMES COMO UM LUGAR DE ENCONTROS VALORATIVOS: UMA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO ARMAMENTISTA

<https://doi.org/10.29327/266889.11.2-5>

Jussara Leão Balbuena

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Mato Grosso do Sul - Brasil

jusleao@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3413-4686>

Patrícia Zaczuk Bassinello

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Escola de Administração e Negócios, Mato Grosso do Sul - Brasil

patricia.zaczuk@ufms.br

<https://orcid.org/0000-0003-4983-9221>

RESUMO: Com um diálogo teórico-metodológico-analítico entre os pressupostos do Círculo de Bakhtin e os Estudos Culturais, este artigo tem por objetivo problematizar os encontros discursivos que se materializam em memes de internet. Com a proposição epistemológica de cultura enquanto papel constitutivo e indissociável das relações sociais (Hall, 1997), apresentamos um exercício de análise heterocientífica de axiologias armamentistas presentes no referido gênero, com foco no estudo de suas relações dialógicas de sentido. Nesse empreendimento, utilizamos a abordagem interpretativa marcada pelo cotejamento de textos (Geraldi, 2012) para construir a base teórica sustentadora deste estudo e realizar o entrecruzamento dos dados desta pesquisa. A partir do princípio dialógico da linguagem, foi possível sondar o agrupamento valorativo de distintas esferas de representação, que encontram na cultura discursiva dos memes um terreno fértil para se imbricar ou para se dispersar, fato que aponta para a possibilidade de coexistência de consciências imiscíveis neste processo de semiotizar o mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura discursiva dos memes. Discursos armamentistas. Análise Dialógica. Círculo de Bakhtin. Estudos Culturais.

THE CULTURE OF MEMES AS A PLACE OF VALUABLE MEETINGS: A DIALOGICAL ANALYSIS OF ARMAMENTIST DISCOURSE

ABSTRACT: With a theoretical-methodological-analytical dialogue between the theory's assumptions of the Bakhtin Circle and Cultural Studies, this article aims to problematize the discursive encounters that materialize in internet memes. With the epistemological proposition of culture as a constitutive and inseparable role of social relations (Hall, 1997), we present an exercise of hetero scientific analysis of armaments axiologies present in the referred genre, focusing on the study of their dialogical relations of meaning. In this proposal, we used the interpretative approach based on the collation of texts (Geraldi, 2012) to build the sustaining theoretical basis of this study and to promote the intersection of data from this research. From the dialogic principle of language, it was possible to probe the presence of social values of different spheres of representation, which find in the discursive culture of memes a fertile ground to imbricate or to disperse, a fact that points to the possibility of coexistence of immiscible consciences in this process of semiotizing the world.

KEYWORDS: Discursive culture of memes. Armaments discourses. Dialogical analysis. Bakhtin Circle. Cultural Studies.



INTRODUÇÃO

As discussões abordadas neste artigo são frutos de uma pesquisa de mestrado (Balbueno, 2022) que sondou embates discursivos entre distintas narrativas axiológicas que transitaram pelos espaços virtuais do ano de 2020 e que se materializaram em memes de internet. Um dos encaminhamentos dessa dissertação foi a percepção de possibilidades inesgotáveis de leitura e análise do referido gênero, enquanto dispositivo de compreensão de uma dada realidade, devido a sua relação dialógica com o contexto sócio-histórico, seus sujeitos e suas lutas pelo sentido.

Compreender cientificamente um contexto sócio-histórico implica tomar conhecimento acerca das relações dialógicas existentes entre os sujeitos da pesquisa. Nesse processo, o pesquisador e os seus *outros* (nunca objeto) se emaranham numa complexa e sempre inacabada construção heterocientífica de sentidos (Geraldi, 2012). Para estabelecer conexões nessa grande tecitura, não encontramos outra forma de relacionarmos com os *outros* dessa pesquisa senão por meio do diálogo, pois “a compreensão é uma forma de diálogo” (Bakhtin; Volochínov, 2014, p.137). Portanto, propomo-nos a dialogar com o discurso armamentista, conhecer, interpretar e compreender os seus signos, para enfim problematizá-los.

Para tal empreendimento, adotamos o cotejamento de textos (Geraldi, 2012) como caminho teórico-metodológico, embasado nas orientações metalinguísticas de Bakhtin (2002), no concernente à ampliação do contexto de interpretação para promover uma compreensão mais aprofundada do “objeto de pesquisa”. O cotejo fundamentou a revisão bibliográfica acerca do gênero discursivo meme e possibilitou-nos a problematização da confluência existente entre cultura e discurso. Nesse trajeto, é proveitoso salientar o papel fundamental das complementações interpretativas de estudiosos das obras do Círculo de Bakhtin (Brait, 2018; Fiorin, 2018; Souza, 2016; Geraldi, 2012; Faraco, 2003), para compreender o dialogismo enquanto modo de funcionamento real da linguagem e instância constituidora de sentidos.

Com o intuito de visualizar o discurso como acontecimento e prática social, ancoradas em bases bakhtinianas, propomo-nos a sondar a sua relação com a cultura, de modo a perceber a imbricação dessas duas esferas da vida na configuração social e ideológica de uma sociedade, tendo como suporte complementar de análise as lentes dos Estudos Culturais (Hall, 1997, 2010, 2016, 2020); Woodward (2020). Com base nesse propósito, os nossos apontamentos e reflexões se pautaram na concepção de gêneros do discurso (Bakhtin, 2011), devido ao conteúdo temático, estilístico e composicional percebidos nos memes.

Com o uso multifacetado da linguagem (gêneros do discurso), o discurso armamentista ganhou destaque no terreno ideológico da população brasileira, oriundo da campanha política de 2018 do ex-chefe de estado; porém, essa discussão é antiga em nossa sociedade, como aponta os estudos de Fernandes e Soares (2020). Assim, com a instauração do governo citado, robusteceu-se a narrativa da necessidade de maior circulação de

armas de fogo na sociedade civil, atrelada a um discurso subjetivo de liberdade e a uma prerrogativa: ser “cidadão de bem”, como apontam os estudos sondados sobre o discurso armamentista (Nabak, 2018; Ciocari e Persichetti, 2018; Fernandes e Soares, 2020).

Para melhor compreender esse contexto de reinvidicações subjetivas e as relações de sentidos envoltas no desejo de possuir uma arma de fogo, fizemos uma imersão nos valores e crenças propagadas por esses grupos. Nesse percurso, sondamos o compartilhamento de memes de internet em sete páginas do *Facebook*, que juntas somavam o montante de mais de dois milhões de seguidores.

Assim sendo, este artigo está dividido em quatro partes, mais as considerações finais. Na primeira seção, apresentamos o caminho metodológico adotado, que compreende as orientações para uma análise dialógica e heterocientífica do discurso, baseadas nos pressupostos do Círculo de Bakhtin com acréscimos interpretativos de alguns de seus estudiosos brasileiros. Na segunda, há o cotejo entre estudos sobre o gênero discursivo meme e seus processos de resignificação. Em “A cultura discursiva dos memes como um lugar de encontros valorativos”, buscamos fundamentar a relação constitutiva e as interferências de poder entre cultura e discurso, com um diálogo teórico entre Hall (1997) e Furtado (2019).

A quarta seção compreende o exercício de análise e compreensão dos memes, e o estudo de suas relações dialógicas de sentido embasado nas orientações metalinguísticas bakhtinianas, com o suporte analítico de Souza e Langaro (2011) e estudiosos dos Estudos Culturais. Nessa seção, foi possível apreender uma desestabilização de sentidos, que se caracteriza como o singular dessa pesquisa.

UMA ANÁLISE DIALÓGICA E HETEROCIENTÍFICA DO DISCURSO: CAMINHOS SINGULARES DE PESQUISA

A pesquisa em discursos, mídias sociais e cultura provoca constantes deslocamentos no pesquisador de linguagens, devido ao seu caráter em movimento. Nessa empreitada, os aportes teórico-metodológicos bakhtinianos oferecem importantes subsídios de pesquisa para a compreensão das práticas discursivas realizadas por sujeitos situados socio-historicamente, em razão da “indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos” (Brait, 2018, p. 10). Nesse sentido, levando-se em consideração a concepção histórica-social-cultural de linguagem proposta pelo Círculo de Bakhtin (Destri; Marchezan, 2021), o discurso é percebido como um acontecimento, fruto das práticas sociais de significação.

Como uma perspectiva discursivo-enunciativa teórica-analítica-metodológica descendente dos postulados bakhtinianos, a Análise Dialógica do Discurso propõe uma construção metodológica que permite ao pesquisador um contato mais próximo com o

seu “objeto” de pesquisa¹, no ato de compreendê-lo em sua concretude, dialogar com ele, e identificar as suas necessidades, bem como os caminhos de entendimento a devir.

Sendo o texto a materialidade específica de cada análise, Geraldi (2012) conduz o entendimento de que, para compreendê-lo, é necessário cotejá-lo com outros textos, ato em que o pesquisador e seu “objeto” se emaranham num processo infinito de sentidos, adotando-se uma posição dialógica na pesquisa:

Para quem assume uma posição dialógica, que inclui não definir de antemão os limites do objeto que absorve como seu, deixando o resto como “resíduo”; que inclui também não definir os corrimãos únicos dos caminhos-um método seguro, composto por um conjunto de regras de descoberta que uma vez seguido leva o pesquisador necessariamente ao novo-são essenciais todas diferenças superficiais entre um enunciado e outro; todos os contextos em que aparece uma mesma sequência verbal mas outro enunciado e todas as formas de expressão verbal com as línguas particulares, incluindo aquelas de cunho estético que o conceito da *língua* descartou (Geraldi, 2012, p. 22).

Assumida uma postura dialógica, construímos um caminho metodológico que permitisse que o nosso “objeto” se revelasse no encontro, e apontasse a direção a ser seguida para a sua compreensão. A construção desse percurso está embasada na proposta metodológica heterocientífica bakhtiniana que encontra nascedouro no texto “Metodologia das Ciências Humanas”, oriundo do ensaio intitulado “Os fundamentos filosóficos das ciências humanas” escrito originalmente por Bakhtin entre o fim dos anos 1930 e início dos anos 1940, e com os acréscimos interpretativos de estudiosos brasileiros (Geraldi, 2012; Souza, 2016).

Nesse texto, Bakhtin propõe que para pensar nas relações que envolvem o ser-humano em sua existência concreta, faz-se mister uma ciência outra, uma que seja capaz de promover o diálogo entre pesquisador e seu “objeto” de pesquisa, visando, assim, compreender as múltiplas camadas de sentidos oriundos do entrecruzamento de dados e pensamentos contidos nesses dois agentes atuantes da pesquisa, que são frutos de suas relações sócio-históricas.

O filósofo russo orienta que para fazer pesquisa nas ciências humanas, o pesquisador deve ir além dos marcadores científicos impostos pelas ciências de base estruturalista, permitindo que a sua alteridade se apresente, pois, de acordo com o autor, esse “modo clássico” de pesquisa produz uma forma monológica do saber, propõe acabamentos, abstrações, e estabilizações de sentido, onde se escuta apenas uma voz:

No estruturalismo, existe apenas um sujeito: o próprio pesquisador. As coisas se transformam em *conceitos* (de um grau variado de abstração); o sujeito nunca pode tornar-se conceito (ele mesmo fala e responde). O sentido é personalista; nele há sempre uma pergunta, um apelo e uma antecipação da resposta, nele sempre há dois (como mínimo dialógico). Esse personalismo não é um fato psicológico, mas de sentido. Não existe a primeira nem a última palavra, e não há

1 De acordo com Bakhtin (2011, p.395) “o objeto das ciências humanas é o ser *expressivo e falante*”. Desse modo, adotando-se uma posição dialógica, o ser nunca será coisa, pois ele se humaniza pela linguagem. Por isso, o termo “objeto” aparece entre aspas duplas, com o propósito de problematizar essa instância.

limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites) (Bakhtin, 2011, p. 410).

Em consonância a essa proposta, Geraldí sugere que os estudos em linguagem devam desenvolver não somente um caráter linguístico, mas também filosófico e sociológico, levando-se em consideração as singularidades do acontecimento. Afinado a esse intento, o cotejo possibilita o avistamento não apenas de uma verdade-istina que se repete, mas também uma verdade-pravda, ou seja, a verdade do singular:

A verdade-istina é aquela que se obtém por sucessivas abstrações; são verdades construídas no interior de uma teoria em que se constrói um modelo abstrato de explicação de um objeto. A verdade-pravda é aquela do mundo da vida, relativa ao acontecimento em si e às percepções que dele fazem os sujeitos envolvidos. Não resulta da abstração que exclui singularidades, mas ao contrário da adição continuada de elementos de tal modo que a verdade-pravda pode ser uma num momento, e outra noutro momento posterior em que se acrescentaram novos elementos para formular um juízo de valor. (Geraldí, 2012, p. 25)

Dessa forma, a heterocientificidade dessa pesquisa é construída pela sua flexibilidade metodológica, respeitando-se o rigor acadêmico-científico necessário e as possibilidades de compreensão do singular do acontecimento, pois “cumprir reconhecer a simbologia não como forma não científica, mas como forma heterocientífica do saber, dotada de suas próprias leis e critérios internos de exatidão” (Aviérintsiev, 1972, p. 828 apud Bakhtin, 2011, p. 399).

A partir da abordagem heterocientífica nos estudos das ciências humanas, temos uma ciência *outra* que propõe a ruptura com os relativismos de compreensão. Nesse modo singular de pesquisar, Bakhtin orienta sobre a importância do contexto como princípio imprescindível para a apreensão dos sentidos. Dessa forma, o autor salienta que, para compreender um texto, devemos conectá-lo com outros textos:

O texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos que eclode a luz que ilumina retrospectivamente e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo. Salientemos que esse contato é um contato dialógico entre textos (enunciados) e não um contato mecânico de “oposição”, só possível no âmbito de um texto (mas não do texto e dos contextos) entre os elementos abstratos (os signos no interior do texto) e necessário apenas na primeira etapa da interpretação (da interpretação do significado e não do sentido) (Bakhtin, 2011, p. 401).

Assim, o entrecruzamento e/ou cotejo de textos foi primordial na construção dos aportes de compreensão do meme como gênero discursivo, na percepção da relação entre discurso e cultura, e como princípio norteador analítico-constitutivo. Arelado a esse jeito outro de pesquisar, Bakhtin (2020, p. 399) preconizou que “a interpretação dos sentidos não pode ser científica, mas é profundamente cognitiva”. Por essa razão, este estudo se baseia numa proposta heterocientífica de pesquisar, não como o Círculo de Bakhtin e seus estudiosos, mas com eles.

A partir dessas orientações, compreendemos que cotejar é colocar os textos em diálogo, em relação de proximidade, com o propósito de “escutar” as vozes envolvidas na construção dos sentidos. Nesse diálogo em movimento e inacabado como propõe o pensamento bakhtiniano, as relações dialógicas extrapolam as fronteiras de compreensão estritamente linguísticas:

Assim, as relações dialógicas são extralinguísticas. Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo do discurso, ou seja, da língua enquanto fenômeno integral concreto. A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da *vida* da linguagem. Toda a vida da linguagem seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas. Mas a linguística estuda a “linguagem” propriamente dita com sua lógica específica na sua generalidade, como algo que torna possível a comunicação dialógica, pois abstrai consequentemente as relações propriamente dialógicas. Essas relações se situam no campo do discurso, pois este é por natureza dialógico e, por isto, tais relações devem ser estudadas pela Metalinguística, que ultrapassa os limites da Linguística e possui objeto autônomo e metas próprias (Bakhtin, 2002, p. 183).

Nesse sentido, para a compreensão das relações dialógicas, Bakhtin (2002, p.181) orienta que a linguística e a metalinguística devem se complementar mutuamente, e não se fundirem. Sobre esse norteamto, construímos um casamento entre as instâncias da língua com as da linguagem nessa pesquisa, cotejando-as, e respeitando-se as fronteiras de cada uma. Destarte, os estudos aqui empreendidos produziram a implicância de visualizar a linguagem enquanto mecanismo vivo e fluido, constituída em processo mútuo com os sujeitos sócio-históricos, tendo a cultura como fator ubíquo.

Assim sendo, as etapas desta pesquisa compreendem as seguintes movimentações: (I) Construção de referencial teórico sobre o discurso armamentista com buscas na Plataforma de Periódicos da Capes e Google Acadêmico; (II) Sondagem de memes de internet que abordassem a supracitada temática através de palavras-chave como **armas**, **pró-armas**, **armamento**, **armamentista** na rede social *Facebook*; (III) Identificação e catalogação das páginas de compartilhamento sugeridas pela plataforma com base nos memes encontrados (Portal Armas de fogo; Loucos por armas; Fanáticos por Armas; Armas S.A; Apaixonados por armas; Apreciadores de arma de fogo, Movimento Brasil Livre-MBL); (IV) Exercício de análise dos memes em cotejo com os aportes bakhtinianos sobre dialogismo e gêneros do discurso, e com complementações analíticas advindas dos Estudos Culturais (Hall, 1997, 2016, 2020); Woodward (2020).

○ GÊNERO DISCURSIVO MEME E SUA LINGUAGEM EM MOVIMENTO

O termo meme foi cunhado pelo biólogo Richard Dawkins para explicar a forma como os traços culturais são herdados de tempos em tempos. Originária da palavra grega “mimeme”, (que significa “algo que é imitado”), a noção de meme em Dawkins foi

trabalhada para entender por que algumas “identificações culturais”² sucumbiam à ação do tempo, enquanto outras se renovavam. Nesse sentido, *meme* é uma analogia à *gene*, no tangente a uma similaridade no mecanismo de replicação, pois “a transmissão cultural é análoga à transmissão genética no sentido de que, embora seja basicamente conservadora, pode originar um tipo de evolução” (Dawkins, 1976, p. 146). Dessa forma, a transmissão genética é algo inerentemente biológico e hereditário, já a transmissão cultural é social, e se propaga de acordo com alguns fatores externos, segundo o autor.

Apesar de pertinente, o conceito de memes em Dawkins (1976) não contempla as configurações atuais de utilização do termo, ou seja, possui uma lacuna de concepção para inseri-lo na esfera de estudo das mídias digitais. Chagas (2020, p. 32) contextualiza que a referida terminologia passou “por um longo processo de reapropriação até que assumisse a interpretação atual”. Assim sendo, a perspectiva apregoada por Dawkins é o ponto de partida para a compreensão do fenômeno comunicacional, mas não é o “de chegada”. Em consonância a essa assertiva, Davison (2020, p. 140) problematiza a comparação da transmissão cultural à genética, pois, segundo o autor, depreende-se a possibilidade de perpetuação de traços culturais transgressores à dignidade humana, como ideias racistas, por exemplo.

Os estudos de Davison (2012; 2020) concebem os memes de internet como “recortes da cultura” que constroem sentidos em uma comunidade linguística específica. O autor chama a atenção para a questão da autoria dos memes, que em sua maioria são compartilhados no anonimato. A partir do conceito de “função do autor” de Foucault (1984), Davison discute a prática de omissão de autoria dos memes e a relaciona com a disseminação de ideais reacionários, devido à facilidade de compartilhamento desses materiais nas redes sociais. O autor questiona também a liberdade de criação e de transmissão que é possibilitada pelas mídias digitais: “para os usuários da internet que se deleitam com a existência de memes racistas, sexistas ou ofensivos, uma prática e um sistema de anonimato os protegem da regulação ou punição”. (Davison, 2020, p. 154)

Milner (2013; 2016; 2020) sinaliza para o caráter polifônico e contra-hegemônico dos memes de internet. O autor trabalha o conceito de polivocalidade a partir de Bakhtin (1986), para compreender as possibilidades de engajamento de vozes marginalizadas no processo discursivo. Para tanto, Milner realizou uma análise do papel desempenhado por memes no debate político engajado pelo movimento social *Occupy Wall Street*. Em seu movimento analítico, Milner construiu um olhar otimista em relação ao envolvimento de muitas vozes no discurso, e constatou a potencialidade polivocal que é possibilitada pelos memes em uma crescente mídia participativa, na qual o autor enxerga uma conexão entre cidadania e interação: “A dimensão interativa da cidadania é crucial e vida cívica não é nada sem conversa cívica. Se os cidadãos não estão discutindo questões públicas, a estagnação prejudica a vida pública vibrante”. (Milner, 2020, p. 185)

2 De acordo com o autor supracitado, os memes são considerados como unidades de replicação cultural, que se multiplicam e transitam entre os locais onde a informação está armazenada, ou seja, dentro do cérebro humano. Nesse conceito, para uma visualização mais clara, os memes são traços culturais que são replicados de acordo com o meio e as interações dos seres humanos. (nota das autoras).

O cotejo sobre o estudo de memes cria uma compreensão bem dinâmica em relação à sua concepção e usos, aportes esses que os configuram como um gênero discursivo peculiar, inacabado, multifacetado, polifônico, e alteritário, pois a presunção da presença do outro é inerente. Nesse processo de interação inevitável com o “outro”, é possível apreender distintas formas de participação dos sujeitos. Uma os pressupõe como simples vetores no campo do discurso, que são de certa forma “recrutados” por ele, e a outra apresenta uma *contrapalavra* a essa apreensão, que vai dizer que os sujeitos podem exercer o papel de atores nas construções discursivas (Conte, 2000).

Dessa forma, o meme enquanto gênero discursivo desempenha múltiplos papéis comunicacionais que produzem os seus tipos *relativamente* estáveis de enunciados, gestados no que Bakhtin chamou de “condições de comunicação discursiva imediata” (Bakhtin, 2016, p. 15). O autor russo classifica os gêneros discursivos ³em primários e secundários, sendo que cada tipo é produzido de acordo com o referido campo de atividade humana e reflete as suas condições de produção e finalidades específicas.

Nessa linha de compreensão, o enunciado é pensado na sua concretude e vivacidade no tecido cultural, sendo percebido como o resultado respondente (posicionamento) oriundo de uma interação comunicacional. No processo de interação, os sujeitos projetam os seus discursos nos enunciados, de forma que, para compreendê-los, precisamos adentrar nas esferas compreensíveis de sua produção, como o contexto histórico e social nos quais eles foram produzidos:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo de linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. (Bakhtin, 2016, p. 261)

Com esses aportes, compreendemos que o gênero discursivo meme acompanha a capacidade de articulação e criatividade da linguagem humana, expressando e representando a vida nas suas mais diversas esferas, sendo as redes sociais concebidas como um dos campos de atividade humana em expansão. Desse modo, os gêneros do discurso incorporam e expressam as condições sócio-históricas de suas produções, e apresentam uma possibilidade de compreensão sobre o contexto de uma determinada época.

O ato de compreender uma dada realidade implica dialogar com o enunciado de outros. É na interação, no diálogo que os sujeitos refletem e refratam os seus sentidos. Esse processo é infinito, dado as suas possibilidades de inserção no tecido cultural. Para compreender o enunciado de outrem, Bakhtin e Volochínov (2014) orientam que:

³ De acordo com Bakhtin, os gêneros primários são gestados na concretude imediata das interações verbais e não-verbais da vida cotidiana. Já os secundários são gestados em contextos culturais mais complexos, como artigos científicos, romances, textos publicitários de grande circulação etc. Assim, diferenciamos os gêneros enquanto o seu grau de formalidade. O autor apregoa que os secundários mantêm uma relação constitutiva mútua com os primários, num movimento dialógico de alimentar-se deles e, ao mesmo tempo, alimentá-los, como é o caso das réplicas do cotidiano que se incorporam em contextos mais formais, como é o caso da carta no romance, como explica Bakhtin (2016).

Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos compreender uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão. (Bakhtin; Volochínov, 2014, p. 137)

No processo de interação e compreensão dos discursos de outrem, o dialogismo se apresentou como categoria de análise indispensável para apreender as relações de sentido que se estabeleceram entre os enunciados dos memes, devido ao modo de funcionamento real da linguagem e o seu caráter constituidor de discursos. Dessa maneira, foi possível visualizar e “escutar” as vozes envolvidas no processo discursivo e perceber os sentidos e a sua (não) linearidade valorativa presente nas práticas de semiotização do mundo.

A CULTURA DISCURSIVA DOS MEMES COMO UM LUGAR DE ENCONTROS VALORATIVOS

O termo cultura possui uma multiplicidade de sentidos, que se materializam de formas distintas e de acordo com cada perspectiva teórica. Neste artigo, trabalhamos com a proposição epistemológica da cultura a partir dos Estudos Culturais, ao propor a sua compreensão a partir de seu papel constitutivo e indissociável das relações sociais, concebidas nas interações humanas e nos movimentos dialógicos de sentido. Nesses processos de interação e constituição que são mediados pela linguagem, encontra-se a mobilidade dessa, cuja fluidez opera na construção dos sistemas de representação social atrelados ao contexto sócio-histórico vigente.

Desse modo, não apresentamos uma definição de cultura acabada, estática e de sentidos unificados, mas sim uma que se faz presente nas relações sociais como elemento constituidor, marcada pelo seu caráter dinâmico, transcendente e dialógico. Atrelado a esses constantes movimentos, o dialogismo se apresenta como princípio vital para compreensão da “vida” dos discursos, seus encontros e embates, dado ao contexto que oportuniza a sua imbricação com a cultura, com o social e com o histórico.

Nessa esteira de compreensão da dimensão da cultura, Hall (1997, p. 20) salienta que a conjuntura social e histórica vigente está atrelada aos robustos avanços tecnológicos da comunicação e da informação, espaço onde as lutas pelo poder são expressas simbolicamente e discursivamente. Assim, Hall (1997) direciona especial atenção à forma como a linguagem intermedeia as construções de sentido nesse modelo de sociedade, dadas as interferências das relações de poder nas representações culturais que tentam fixar suas formas hegemônicas de significar o mundo. Nessa linha, O autor pontua que os sujeitos recorrem à linguagem para construir sentidos em suas experiências individuais ou coletivas, processo que é possibilitado devido à uma característica inerente dos seres humanos:

Os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido. A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e

para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros. Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em seu conjunto, eles constituem nossas “culturas”. Contribuem para assegurar que toda ação social é “cultural”, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação (Hall, 1997, p. 16).

Dessa forma, a apreensão dos sentidos molda a forma como os sujeitos se reconhecem e agem no mundo. Sendo assim, os sentidos são percebidos semanticamente, sobre os quais Hall (1997) faz um adendo em relação aos jogos de linguagem presentes nas formas de significação e classificação sociais e culturais, nos quais os discursos são forjados. O autor direciona as lentes de compreensão para o caráter da não-causalidade/naturalidade das ações sociais, pois, acima de tudo, são resultado dos processos discursivos (Hall, 1997, p. 29). Com esses importantes direcionamentos, o autor vai iluminando o leitor sobre a centralidade da cultura e sua imbricação com o discurso, devido ao seu papel constitutivo e onipresente nas práticas sociais.

Nesse mesmo contexto argumentativo, Hall (1997) chama a atenção para os deslocamentos ocasionados pelas novas possibilidades de mediação cultural resultante das inovações tecnológicas de informação e comunicação do nosso tempo. Com isso, o autor focaliza no aspecto influente das mídias contemporâneas enquanto fator preponderante nas formações de consciências coletivas e populares, e que se configura como uma nova forma de interação e de significação do mundo.

Furtado (2019) auscultou em sua tese de doutorado uma possibilidade de mediação cultural oriunda dessas novas formas de interação e significação, utilizando os memes de internet como pano de fundo para compreender os deslocamentos de sentido operacionalizado pelo que a autora chamou de “nova cultura discursiva”. Assim, a autora propõe a noção de “liquidez discursiva” para denominar as imbricações e volatilidades que ocorrem nos processos discursivos que se materializam nas redes sociais, em especial nos memes:

Os discursos, nas redes sociais virtuais, proporcionadas pelo império da internet, assim como os líquidos, avançam o espaço, rompem o tempo e se moldam rapidamente a depender do lugar em que circulam, propiciando uma rápida interação não apenas entre os sujeitos, mas também entre os próprios discursos: o movimento dialógico nas redes sociais é expandido e potencializa uma linguagem menos uniforme em seus formatos, mais fluida, mais líquida. O que temos percebido é que discursos de esferas diferentes, e que antes circulavam em dimensões discursivas paralelas e pouco se encontravam, hoje têm ocupado um mesmo lugar sociodiscursivo, inclusive se imbricando de forma mais explícita (Furtado, 2019, p. 107).

Dessa forma, compreendemos, a partir de Hall (1997) e Furtado (2019), que a cultura discursiva dos memes se configura como um novo espaço de interação e significação, sendo um lugar que possibilita o encontro de discursos que antes se materializavam em distintas esferas sociais, e que nos dias atuais se encontram e se imbricam no referido

gênero. Nesse contexto, os memes de internet são dialógicos, polifônicos e inesgotáveis em seus sentidos, se caracterizando como uma nova forma de semiotizar o mundo. Assim, o dialogismo presente nos memes opera de uma forma que oportuniza o encontro de discursos de diferentes esferas de significação, que podem tanto “recrutar”, posicionar ou humanizar os sujeitos atuantes nessa nova cultura discursiva.

○ PROCESSO DE ANÁLISE E COMPREENSÃO: DIALOGANDO COM DISCURSOS OUTROS

Na obra “Marxismo e Filosofia da Linguagem” (Bakhtin; Volochínov, 2014, p. 137), os autores orientam que “a compreensão é uma forma de diálogo”, e que “compreender é opor à palavra do locutor uma *contrapalavra*”. Com base nessas premissas, propomos o diálogo responsável com o nosso “objeto” de pesquisa, permitindo que “ele” se revelasse no encontro:

Figura 1: “Cidadão armado ou cidadão desarmado”



Fonte: Página “Apaixonados por armas Brasil”

No exemplar acima, temos a representação de uma lógica reducionista: *ou* cidadão desarmado, *ou* cidadão armado. Os sentidos construídos geram a significação de oposição entre os posicionamentos, pois o sujeito desarmado é caracterizado como uma presa, à mercê de seu predador, enquanto o armado é representado como um ser onipotente, que é “precavido”, e que anda “protegido”. Se todo enunciado é endereçado a alguém (BAKHTIN, 2016), o questionamento formado é: a quem este enunciado está direcionado? Quais relações dialógicas são possíveis a partir dessa enunciação? Se portar armas direciona para o sentido de proteção, de quem precisamos nos proteger?

Ao ampliar o contexto para a compreensão do reducionismo expresso, Souza e Langaro (2011, p. 575) argumentam que essa prática se aproxima do que as autoras conhecem por binarismos, e que essa dinâmica se tornou comum em sociedades modernas ocidentais, pois se configura como um dispositivo de manutenção das relações de poder:

“o binarismo acompanha a rede de poder que predomina nas sociedades ocidentais e reforça essa rede através da linguagem que atribui específicos sentidos e valores às pessoas e objetos que compõem a realidade”. Dessa forma, problematizamos o uso do termo “cidadão” atrelado aos efeitos de legitimação de cidadania construídos pelo meme ao relacioná-la com o porte de armas.

Na conjuntura social analisada, o termo “cidadão” atribui qualificações e sentidos aos sujeitos que se enquadram nessa especificação, como mostra a próxima materialidade:

Figura 2: “Bandido *versus* cidadão”



Fonte: Página “Apaixonados por armas Brasil”

O meme acima é composto por uma fotomontagem com figuras masculinas representando posições-sujeito de “bandido” e de “cidadão”, dividida em dois recortes com as seguintes enunciações: “A cidade está violenta demais! Desarmamento já!” e “Resolvido, agora o cidadão tá muito mais seguro”. No primeiro enunciado, ambos os sujeitos estão portando armas de fogo, enquanto no segundo, apenas o sujeito “bandido”. A construção de sentido direciona o olhar para uma tentativa de descredibilização das políticas desarmamentistas, pois fica subentendido que essa prática possa ser benéfica apenas ao sujeito “bandido”, de acordo com o meme.

A partir dos sentidos gestados nessas circunstâncias, há a percepção de uma outra formação binária: *ou* cidadão, *ou* bandido. Nesse ponto, é posto em questão os sentidos construídos socialmente acerca da regulação da posição-sujeito “cidadão”. Com base na premência da língua, o termo é compreendido como “o indivíduo no exercício pleno de

sua cidadania, que goza de direitos civis e políticos de um Estado, e desempenha deveres para com este” (cotejo entre os Dicionários Aurélio e Michaelis).

Nos estudos cotejados sobre o discurso armamentista, o vocábulo apareceu contextualizado na expressão “cidadão de bem”, no sentido de estabelecimento de um conjunto de crenças e valores sociais que produziram efeitos de legitimação dos sujeitos que se enquadravam, e que se reconheciam como. Em Fernandes e Soares (2020, p. 52), a expressão é lida como um mecanismo de identificação e demarcação de diferenças, ao passo que estabelece instrumentos de inclusão e exclusão de sujeitos: “discurso segregador que joga com a inclusão e a exclusão quando o sujeito demarca e fortalece o valor da vida do cidadão de bem, revelando e separando também a vida do outro, o exterminável, o indesejável”.

No mapeamento realizado por Nabak (2018, p. 146), o uso da expressão é percebido na esfera política e legislativa do país, proferidos pelos defensores do posicionamento pró-armas:

“o discurso armamentista no Brasil, da primeira até a última fala vista, não há sequer o questionamento sobre o porquê do uso das armas de fogo, mas tão somente a defesa de sua necessidade por aqueles qualificados, primeiramente como “honestos” e posteriormente enquanto “cidadão de bem”. O discurso armamentista, portanto, tem por direção àqueles que se encontram qualificados, positivamente considerados para fazerem uso daquilo - em oposição àqueles que desfazem o sentido da arma de fogo, uma consolidação forte do aspecto incriminador do estado de violência.

Cioccari e Persichetti (2018, p. 204) atribuem atenção aos enunciados proferidos pelo ex-presidente da república Jair Bolsonaro, quando este estava na condição de candidato e defendia o armamento dos “cidadãos de bem”. Nesse contexto, as autoras evidenciam o papel da mídia enquanto instância disseminadora discursiva, relacionando-a com as reverberações produzidas:

O discurso repercutiu na imprensa de todo o país e uma parcela da população que corrobora desse posicionamento vê no porte de armas a solução para os seus problemas. O campo do discurso é extrapolado quando influenciadores do mundo do entretenimento manifestam publicamente o apoio a esse tipo de opinião. Bolsonaro não é uma voz única. É representante de um discurso armamentista muito bem articulado. E que encontra, como vimos, respaldo na imprensa. Vale lembrar que a voz de Bolsonaro só encontra reverberação na transformação de fatos e acontecimentos políticos em shows que dependem de interesses recíprocos advindos da política e do campo midiático. A mídia reverbera esse tipo de ação.

Nesse estudo, Cioccarri e Persichetti (2018) citam o apoio de personalidades do mundo do entretenimento ao então candidato à presidência na época, que utilizaram as suas redes sociais para expressarem afinidade a esse tipo de discurso. As estudiosas citam também alguns programas televisivos populares de cunho sensacionalista, como Cidade

Alerta (Rede Record) e Brasil Urgente (Rede Bandeirantes), que, segundo as autoras, contribuíram para a manutenção de um estado de violência no imaginário social.⁴

De acordo com as autoras, o discurso armamentista vigente se pauta em recortes de experiências individuais de violência para se legitimar, que são propagados massivamente por uma mídia sensacionalista. Dessa forma, o posicionamento pró-armas de figuras políticas encontra ressonância em uma sociedade como a brasileira, na qual o sensacionalismo midiático reforça a ideia de um inimigo em comum no imaginário social, sempre um “outro” (Cioccaro; Persichetti, 2018, p. 206).

Com base na interpretação heterocientífica (Geraldi, 2012), compreendemos que esses dois memes expressam relações dialógicas que materializam a ideia de necessidade de armas de fogo para que o “cidadão de bem” possa se proteger desse “outro”. De encontro a essa linha, o pensamento bakhtiniano apregoa que cada enunciado é singular, relacionado à concretude do acontecimento em que é proferido, porém, ele não se encontra isolado, pois “todo dizer e todo dito dialogam com o passado e o futuro” (Geraldi 2012, p. 20).

Dessa forma, precisamos ampliar o contexto sobre a discursivização desse “outro” no imaginário social. Segundo o estudo de Nabak (2018), a prática de estabelecimento de um “inimigo em comum” é recorrente e encontra representatividade na esfera política do país. Em sua análise discursiva, embasada nos pressupostos de Van Dijk (1999), o autor mapeou o discurso armamentista brasileiro entre os anos 2000 e 2017, cuja sondagem ocorreu na instância legislativa do país, tendo como foco as enunciações realizadas pelos integrantes do bloco político que o autor denominou de a “Bancada da Bala”.

Em sua catalogação, Nabak (2018) atenta para a presença de escolhas lexicais que constituem as camadas valorativas do discurso, analisando-as semanticamente e situando-as no campo ideológico. Nessa análise, o autor auscultou as variações e estabilidades presentes. Destacamos abaixo os enunciados que possuem relações de sentido com a compreensão construída até aqui:

- i. “Desarmamento das pessoas honestas não diminuirá a violência, mas, pelo contrário, produzirá **maior ousadia dos bandidos** e o crescimento do tráfico ilegal de armas.” (Deputado Lael Varella, 8 de novembro de 2000).
- ii. “Esta Casa, quando aprovou o Estatuto do Desarmamento, deixou os cidadãos e as autoridades **à mercê de bandidos e criminosos**, como verdadeiros cordeirinhos.” (Deputado Pompeo de Matos, 29 de janeiro de 2004).
- iii. Arma que mata não é aquela que está em posse da **sociedade de bem**, e sim aquela que está nas mãos **dos que afrontam as leis e causam medo à população**.” (Deputado Guilherme Mussi, 7 de novembro de 2012).

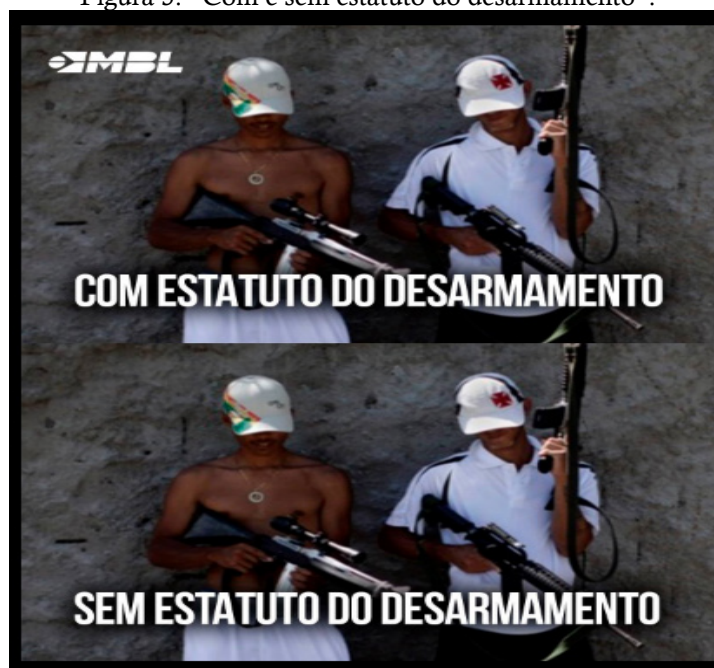
Os discursos acima foram proferidos em períodos distintos dentro do recorte analítico proposto pelo autor (2000-2017), nos quais é possível sondar o modo como esse “outro” é discursivizado: um sujeito marginalizado, lido como um criminoso, e um potencial

4 De acordo com Woodward (2020, p. 33) “todo contexto ou campo cultural tem seus controles e suas expectativas, bem como seu “imaginário”; isto é, suas promessas de prazer e realização.

inimigo da sociedade de bem, os chamados “cidadãos de bem”. Em diálogo, acreditamos que os exemplares genéricos materializam as valorações a respeito desse “outro”, caracterizado no primeiro meme como um animal selvagem, perigoso e astuto. No segundo, ele é retratado e personificado como bandido, atrelado à estratégia discursiva de deslegitimação das políticas desarmamentistas no país.

Nos discursos armamentistas sondados na esfera política, a presença de enunciados que constroem sentidos em relação ao Estatuto do Desarmamento encontra-se atrelada às tentativas de descredibilizá-lo, utilizando práticas binárias na linguagem para estabelecer e reforçar posições de oposição: “desarmamento das pessoas honestas” *versus* “maior ousadia dos bandidos”, “cidadãos e autoridades” *versus* “bandidos e criminosos”, “armas da sociedade de bem” *versus* “armas de pessoas que afrontam as leis”. Em se tratando do Estatuto do Desarmamento, o meme abaixo materializa a ideia de deslegitimação das políticas desarmamentistas, corporificando um juízo de valor desse grupo e reforçando posições de oposição:

Figura 3: “Com e sem estatuto do desarmamento”.



Fonte: Página “Movimento Brasil Livre”

Nesse meme, as valorações sobre as políticas desarmamentistas foram trabalhadas a partir de uma fotomontagem com duas divisões retratando as seguintes situações: “com Estatuto do Desarmamento” e “sem Estatuto do Desarmamento”. Em ambos os contextos, encontram-se dois sujeitos de pele preta portando armas de fogo. A construção de sentidos operacionalizada nesse meme se relaciona com os discursos políticos sobre o armamento e direciona para uma narrativa de naturalização de estereótipos raciais, ao “fixar” estereotipagens do sujeito (que independente do Estatuto do Desarmamento para portar armas de fogo) como marginalizado, periférico, “fora da lei”, como visto anteriormente, e agora racializado.

O elo indiscutível que interliga essas valorações às instâncias políticas do armamento é o fato desse meme ter sido compartilhado pela página oficial do Movimento Brasil Livre ⁵(MBL), na rede social Facebook, dado que materializa o imbricamento do discurso armamentista com o político. Nesse ponto, o sentido gestado a partir desses encontros discursivos corporifica e reforça o processo histórico de marginalização de sujeitos de pele preta. A compreensão da representação do sujeito “bandido” dialoga com estudos que se debruçam a pensar sobre o processo de racialização dos discursos, como Modesto (2021) e Almeida (2019), por exemplo.

Neste trabalho, a nossa compreensão se aproxima do que Hall (2016) identificou como processo cultural de estereotipagem, que encontra na linguagem um terreno fértil para reforçar estereótipos sociais pelo discurso. O autor defende que oposições binárias funcionam como um dispositivo de manutenção das relações de poder, a partir da demarcação da diferença para fixar o sentido:

A estereotipagem, em outras palavras, é parte da manutenção da ordem social e simbólica. Ela estabelece uma fronteira simbólica entre o “normal” e o “pervertido”, o “normal” e o “patológico”, o aceitável e o “inaceitável”, o “pertencente” e o que não pertence ou é o “Outro”, entre “pessoas de dentro” (insiders) e “forasteiros” (outsiders), entre nós e eles. A estereotipagem facilita a “vinculação”, os laços, de todos nós que somos “normais” em uma comunidade imaginária; e envia para o exílio simbólico todos eles (Hall, 2016, p. 193).

O processo de estereotipagem do sujeito “bandido” nesse contexto expressa a forma como os sentidos interagem entre si, de meme a meme, refletindo a realidade em sua volta. A partir dessa noção, é possível visualizar e compreender o discurso em seu funcionamento, fato percebido no processo de discursivização marcado pelo binarismo “cidadão *versus* bandido”. Assim, problematizamos a construção de sentidos gestada, e a forma como ela é instrumentalizada para atribuir especificações, excluir, discriminar, e atender aos propósitos hegemônicos de poder, pois a “diferença possui significado, ela fala” (Hall, 2016, p. 147).

Voltando ao pensamento bakhtiniano para complementar a compreensão do processo de discursivização de sujeitos, em sua obra “Problemas da poética de Dostoiévski”, Bakhtin elucidava sobre o caráter dialógico da linguagem, no tangente à personificação que é expressa nela e por ela:

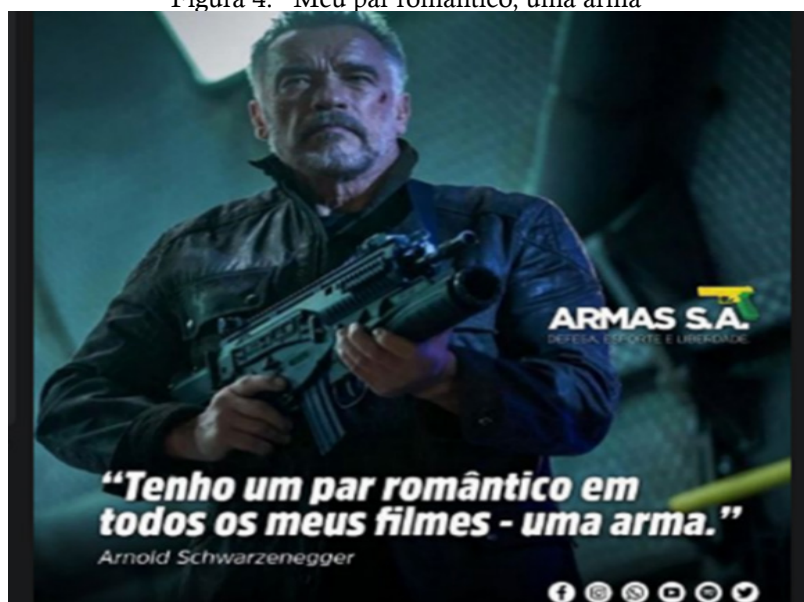
As relações dialógicas são irreduzíveis às relações lógicas ou às concreto-semânticas, que *por si mesmas* carecem de momento dialógico. Devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem para que entre eles possam surgir relações dialógicas. [...] Para se tornarem dialógicas, as relações lógicas e concreto-semânticas devem, como já dissemos, materializar-se, ou seja, devem passar a outro campo da existência, devem tornar-se discurso, ou seja, enunciado e ganhar *autor*, criador de dado enunciado cuja posição ela expressa (Bakhtin, 2002, p. 183-184).

⁵ O Movimento Brasil Livre (MBL) é uma iniciativa política que se propõe a discutir e a promover os valores do liberalismo econômico no contexto sociopolítico brasileiro. As principais bandeiras levantadas pelo MBL são: a liberdade individual, a propriedade privada e o Estado de Direito. Fonte: <https://mbl.org.br/>

Em consonância com os pressupostos de Bakhtin, defendemos que o gênero discursivo meme personifica o material linguístico-semiótico, ou seja, transforma-o em discursos e posições valorativas no momento em que materializa relações constitutivas de sentido. Nessa linha de raciocínio, é possível apreender a orientação que a “realidade” é mediada pela linguagem (Bakhtin, 1993; Hall, 1997; Fiorin, 2018), pois “o real se apresenta para nós semioticamente, o que implica que nosso discurso não se relaciona diretamente com as coisas, mas com outros discursos, que semiotizam o mundo” (Fiorin, 2018, p. 167).

Em se tratando da questão de semiotizar o mundo a nossa volta, os memes se caracterizam como relevantes veículos de análise e possibilitam debates que abrangem outras esferas de constituição dos sentidos. Nas próximas materialidades, é possível esmiuçar as atribuições de qualificação aos sujeitos que os binarismos produzem, no ato de problematizar os marcadores de identificação produzidos, e visualizar o estabelecimento dos que estão “dentro” e dos que estão “fora”:

Figura 4: “Meu par romântico, uma arma”



Fonte: Página “Armas S.A.”

Nas páginas de compartilhamento sondadas, percebemos a presença (ou tentativa) de estereotipagem do sujeito armamentista, por *ele mesmo*. No cronotopo⁶ investigado, a aparição de figuras advindas de produções cinematográficas foi algo comum, como a do ator hollywoodiano Arnold Schwarzenegger, personalidade midiática conhecida pelos seus papéis em filmes de ação. A partir da análise de sua discursividade, é possível problematizar o conjunto de sentidos construído pelo meme, ao idealizar uma personagem, contextualizá-la em seu enunciado e relacioná-la ao porte de armas.

6 Cronotopo é um dos conceitos-chave da teoria bakhtiniana. Sua concepção teórica encontrou nascedouro no âmbito literário para expressar as relações espaço-temporais no romance. Com as (re)leituras das obras bakhtinianas, a utilização desse conceito se ampliou dadas as possibilidades de seu uso para categorizar outros gêneros discursivos, outros sujeitos e outras esferas de atividade humana (Oliveira; Pereira, 2022). Nesse trabalho em específico, trabalhamos com as relações espaço-temporais que abrangem as discussões sobre os discursos armamentistas contemporâneos em território nacional, seus sujeitos e a construção de sentidos a partir da produção e compartilhamento do gênero discursivo meme em páginas de compartilhamento da rede social Facebook.

O enunciado “tenho um par romântico em todos os meus filmes-uma arma” constrói sentidos ao atribuir especificações humanas a objetos, ou seja, sistematiza um processo de humanização de coisas em detrimento à pessoa humana. Com a percepção que os discursos se encontram e se imbricam, o questionamento que se forma diz respeito à relação de sentidos estabelecida com o posicionamento pró-armas e seus simpatizantes. Nessa esteira, Woodward (2020, p. 56) assera sobre a forma como os discursos produzem sentidos específicos de acordo com a forma que eles recrutam sujeitos:

A linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmo e no qual nós adotamos uma identidade. Quaisquer que sejam os conjuntos de significados construídos pelos discursos, eles só podem ser eficazes se eles nos recrutam como sujeitos. Os sujeitos são, assim, sujeitados ao discurso e devem, eles próprios, assumi-lo como indivíduos que, dessa forma, se posicionam a si próprios. As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem as nossas identidades.

Dessa forma, linguagem, cultura e discurso se configuram como um elo constitutivo no processo de recrutamento de sujeitos, “direcionando-os” a assumirem determinadas posições. Entender essa complexidade sob à luz do princípio dialógico implica reconhecer que os sentidos são gestados em interação, devido ao modo de funcionamento real da linguagem (Bakhtin, 2002). Nessa cadeia de comunicação substancial, “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (Bakhtin, 2020, p. 26). A partir dessa orientação, compreendemos que a esfera de representação cultural e a discursiva existem de forma conectadas e constroem sentidos na e pela linguagem.

As relações de sentido no discurso armamentista percebidas até o momento dialogam com os apontamentos dos autores que se debruçaram a estudar e a analisar as instabilidades e as variações no processo discursivo. Nesse exame, o dialogismo auxiliou-nos a compreender o encontro valorativo que é corporificado nos memes de internet, que refletem as suas condições de produção. Nesse sentido, algumas desestabilizações de sentido foram percebidas, pois dialogaram com as vozes já auscultadas, mas, ao invés de manter uma linearidade discursiva, produziram dispersões:

Figura 5: “Qual arma você comprou?”
**Ontem vc lavou a louça,
 hoje está dobrando a roupa...**



**Fala logo qual
 arma você comprou.**

Fonte: Página “Apaixonados por armas”

Os sentidos produzidos pelo meme acima direcionam o leitor a identificar a situacionalidade do enunciado e sua concretude, devido a sua construção composicional. Nesse sentido, o enunciado verbal “ontem vc lavou a louça, hoje está dobrando a roupa...fala logo qual arma você comprou” se relaciona com o não-verbal, que consiste na linguagem gestual e espacial que complementa os sentidos do meme. Assim, um dos sentidos percebidos é o de que ambos mantêm uma relação conjugal, e que o sujeito “mulher” está a questionar do sujeito “homem” o porquê de sua atitude em participar das atividades domésticas da casa.

A partir da construção composicional, outro sentido gestado é de reforço dos papéis sociais de gênero, pois subentende-se que é o sujeito-mulher quem realiza habitualmente os afazeres do lar, fato expresso pela enunciação-confrontação “fala logo qual arma você comprou”. Outra possibilidade de interpretação sugere que a aquisição de armas é prática recorrente nesse contexto familiar.

Apesar da construção de sentido problemática, o referido meme rompe com a linearidade discursiva dos anteriores, que focaram em estabelecer e reforçar binarismos e posições-contrárias. Dessa forma, o dialogismo possibilita não somente o encontro de consciências (discursos), como também a tensão entre elas: “o dialogismo é tanto convergência, quanto divergência; é tanto acordo, quanto desacordo; é tanto adesão, quanto recusa; é tanto complemento, quanto embate” (Faraco, 2003, p. 66).

Do ponto de vista do dialogismo enquanto possibilidade de desestabilização de sentidos e não-linearidade discursiva, o próximo e último exemplar genérico acrescenta novos tons valorativos ao posicionamento armamentista:

Figura 6: “Black Friday das armas”



Fonte: Página “Apaixonados por armas Brasil”

No meme acima temos o enunciado verbal “Amor, aquela arma que você pagou 1200 está por 8000 no black Friday” que sugere uma multiplicidade de sentidos. A linguagem gestual retrata uma possível situação apreensiva vivenciada pelo sujeito do discurso, que utiliza um modelo *image macro*⁷ para construir sentidos. Trazendo os enunciados verbais e não-verbais para o contexto econômico brasileiro, os sentidos gestados direcionam para o alto valor aquisitivo de uma arma de fogo, e que a compra desse artefato bélico se destina apenas aos sujeitos pertencentes às classes sociais que têm condições financeiras confortáveis para adquirir o armamento.

CONSIDERAÇÕES (NUNCA) FINAIS

No trajeto teórico-metodológico-analítico deste trabalho, buscamos dialogar com o nosso “objeto” de estudo, conhecer, interpretar e compreender os seus signos. Dessa forma, chegamos à conclusão de que o discurso armamentista dialoga com os estudos realizados anteriormente, no tangente à percepção da presença de ideologias hegemônicas nos enunciados, como a prática de binarismos para identificar, classificar e excluir

⁷ Image macro é um formato de meme que utiliza imagens virais da internet com legendas sobrepostas. Fonte: Museu de memes da Universidade Federal Fluminense- <https://museudememes.com.br/collection/image-macro>

sujeitos. Nesse movimento, analisamos e problematizamos a construção de sentidos de nossas materialidades, cotejando-as com os pressupostos bakhtinianos, e complementando a compreensão com o suporte teórico-analítico de estudiosos dos Estudos Culturais.

Assim, depreendemos que os memes de internet materializam o *já-dito* teoricamente, e direcionam o olhar do analista e seus futuros leitores para as questões emblemáticas que refletem e refratam o mundo num “simples ato” de criar e compartilhar conteúdos aparentemente ingênuos e risíveis nas mídias sociais digitais. Nessa cultura discursiva, percebemos a linguagem em funcionamento dialógico, que proporciona encontros diversos em seu tecido (nunca) abstrato. Desse modo, a linguagem dos memes possibilita e materializa o encontro de discursos aparentemente desconectados no tempo e no espaço.

Sobre esse encontro oportunizado pela cultura discursiva dos memes, identificamos e problematizamos a imbricação de diversas esferas de representação da vida humana, fato que caracteriza o meme de internet como uma espécie de “receptáculo” de discursos. Dentre essas esferas, conseguimos problematizar a influência da camada midiática, que atribuiu ao discurso armamentista um status midiaticizado, devido à sua grande circulação nesses espaços. Com o caráter midiaticizado, o discurso armamentista se encontrou e se imbricou com o discurso jornalístico de cunho sensacionalista, com o discurso sobre a violência, com discursos racistas e racializados, com o discurso bélico provenientes de produções cinematográficas hegemônicas, e, por fim, com o discurso político.

Entretanto, sabendo-se que o dialogismo comporta mais de uma face constitutiva, que tanto pode concordar e agregar, como também discordar e bifurcar sentidos no discurso, acreditamos que conseguimos nos aproximar das duas frentes, ao encontrar resquícios de uma não-linearidade discursiva. Dessa forma, o princípio dialógico explica não somente o encontro e imbricação de discursos, como também o “desencontro” de consciências imiscíveis incidentes no processo discursivo (Bakhtin, 2002, p. 44).

Desse modo, percebemos que até mesmo em discursos opressores como o armamentista, há possibilidades de desestabilização de sentidos, fato que alarga as fronteiras do existir. Essa particularidade apreendida se caracteriza como o singular desta pesquisa, algo que se relaciona com um dizer particular de Bakhtin sobre o caráter inacabado do mundo: “no mundo ainda não ocorreu nada definitivo, a última palavra do mundo e sobre o mundo ainda não foi pronunciada, o mundo é aberto e livre, tudo ainda está por vir e sempre estará por vir” (Bakhtin, 2002, p. 191).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- BAKHTIN, M. M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 6ª. ed. -São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

- BAKHTIN, M. M.. **Teoria do romance I: A estilística**. Tradução, prefácios, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BALBUENO, J. L. **Uma leitura do cenário político brasileiro do ano de 2020 a partir de memes de internet: diálogos e cotejos sob a luz da heterociência do Círculo de Bakhtin**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, UFMS, Mato Grosso do Sul, 2022.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.
- BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 2. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.
- CIOCCARI, D; PERSICHETTI, S. Armas, ódio, medo e espetáculo em Jair Bolsonaro. **Revista Alterjor**, São Paulo, v.2, 18. ed., p. 201-214, 2018.
- CHAGAS, V. (Org.). **A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital**. Salvador: EDUFBA, 2020.
- CHAGAS, V. (Org.). Meu malvado favorito: os memes bolsonaristas de WhatsApp e os acontecimentos políticos no Brasil. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 72, p. 169-196, 2021.
- CONTE, R. Memes through (social) minds. In: AUNGER, R. (ed.). **Darwinizing culture: the status of memetics as a science**. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 83-120.
- DAVISON, P. A linguagem dos memes de internet (dez anos depois). In. CHAGAS, V. (Org.) **A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital**. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 139-156.
- DAWKINS, R. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DESTRI, A; MARCHESAN, R. C. Análise dialógica do discurso: uma revisão sistemática integrativa. **Revista da ABRALIN**, v. 20, n. 02, p. 1-25, 2021.
- FARACO, C. B. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições, 2003.
- FERNANDES, E. A. S; SOARES, T.B. Discurso da luta contra a violência: o porte de armas e os seus efeitos de sentido. **Entremeios: Revista de Estudos do Discurso do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí**, v. 23, Minas Gerais, p. 43-58, 2020. Edição especial.
- FIORIN, J.L. Interdiscursividade e intertextualidade. In. BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 2. ed., 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2018. p.161-194.
- FURTADO, R. M. **Diálogos do cotidiano nas redes sociais: a liquidez discursiva nos memes**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Centro de Ciências Humanas e Naturais da UFES, Espírito Santo, 2019.
- GERALDI, J. W. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In. GEGe – Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso (Orgs.). **Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012^a. p.19-39.
- HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: THOMPSON, K. (ed.). **Media and cultural regulation**. London, Thousand Oaks, New Delhi: The Open University; SAGE Publications, 1997. p.15-46.
- HALL, S. A redescoberta da “ideologia”: o retorno do recalcado nos estudos de mídia. In. RIBEIRO, A. P. G; SACRAMENTO, I. (Orgs.). **Mikhail Bakhtin: Linguagem, Cultura e Mídia**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010. p. 279-330.
- HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.
- MILNER, R. M. Polivocalidade pop: memes de internet, participação pública e o movimento *Occupy Wall Street*. In. CHAGAS, V. (Org.) **A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital**. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 179-220.
- MODESTO, R. Os discursos racializados. **Revista da ABRALIN**, [S. 1.], v. 20, n. 2, p. 1-19, 2021.

NABAK, V.A. T. S. Medo e discurso: uma análise do discurso armamentista desde 2000. **CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Juiz de Fora, n. 26, p.132-149, 2018.

OLIVEIRA, A.M; PEREIRA, R.A. Cronotopo. *In. Diálogos em Verbetes*. Coletânea Verbetes. noções e conceitos da Teoria Dialógica da Linguagem. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

SOUZA, N. B. de. Uma leitura da “heterociência” - “ciência outra” de Bakhtin: quando a cientificidade não cabe nos tubos de ensaio. *In. GEGe – Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso (orgs.). Palavras e contrapalavras: Lendo pedaços singulares do mundo com Bakhtin*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2016. p. 219-230.

SOUZA, M; LANGARO, F. Desconstruir para problematizar matrizes identitárias. **Revista Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 31, n. 03, p. 568-581, 2011.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In. SILVA, T. T. (Org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. p. 7-72.